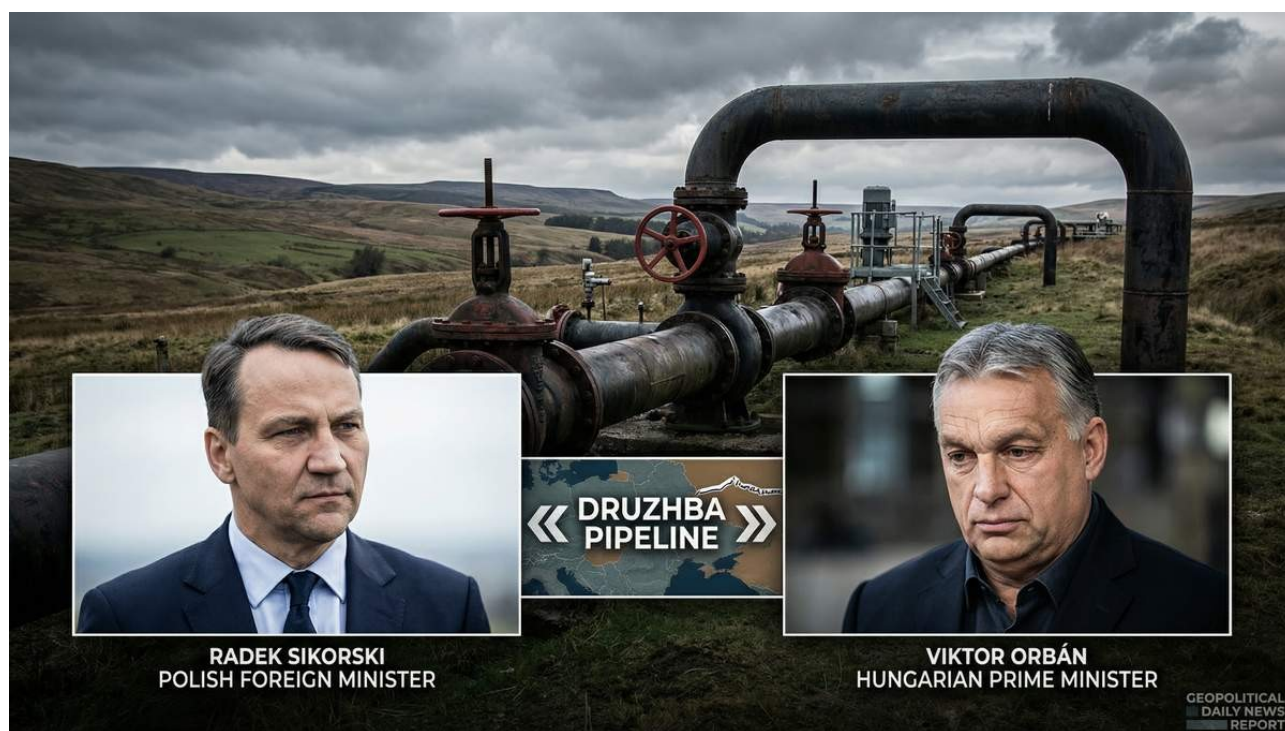


# POLÔNIA E HUNGRIA AMEAÇADAS PELA UCRÂNIA, MAS DIVIDIDAS POR ELA

*A Polônia e a Hungria enfrentam riscos de segurança com refugiados ucranianos que podem ser potenciais agentes infiltrados, ameaçando infraestrutura crítica e desestabilizando a região geopoliticamente.*

**Andrew Korybko\***



*Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.*

**A** [Polônia](#) e outros países da União Europeia (UE), como a Hungria, que acolhem refugiados ucranianos, estão prestes a enfrentar mais problemas com eles após o fim do conflito. Em fevereiro de 2025, dados oficiais da polícia [mostravam](#) que os ucranianos cometeram mais crimes na Polônia do que quaisquer outros estrangeiros. Alguns também foram [acusados](#) de cometer crimes contra a segurança nacional em nome da Rússia, o que a Rússia negou, enquanto sua mídia sugeriu que eles são ultranacionalistas antipoloneses (fascistas) ou agentes de inteligência ucranianos.

Seja qual for a verdade, o ex-presidente Andrzej Duda alertou, em entrevista ao

*Financial Times* no início de 2025, que “[as tropas ucranianas traumatizadas podem representar uma ameaça à segurança de toda a Europa](#)”. No outono passado, o embaixador ucraniano na Polônia admitiu que “[seus conterrâneos não queriam se assimilar](#)”, pouco antes de um dos principais veículos de comunicação online do país prever que “[um lobby étnico ucraniano poderia em breve se formar no Sejm polonês](#)”, o que poderia representar sérias ameaças à Polônia.

Em vez de tentar impedir isso, o ministro das Relações Exteriores, Radek Sikorski, incentivou os ucranianos a “*eliminar*” o oleoduto Druzhba, que abastece a Hungria e a Eslováquia com petróleo russo, o que lhe rendeu o apelido de “[Osama bin Sikorski](#)” da porta-voz do Ministério das Relações Exteriores da Rússia, Maria Zakharova. Como explicado na análise acima, isso poderia se voltar contra a Polônia, incitando o terrorismo contra o país por parte dos ultranacionalistas que reivindicam as regiões sudeste, onde muitos eslavos orientais ortodoxos costumavam viver.

Retomando sua publicação, alguns dos ultranacionalistas ucranianos e/ou agentes de inteligência que se infiltraram na UE sob o disfarce de refugiados poderiam atacar a infraestrutura da Druzhba na Hungria, sabendo que poderiam então receber asilo na Polônia, tal como aconteceu com os suspeitos do Nord Stream, que se [recusaram a extraditar para a Alemanha](#). Embora a Polônia e a Hungria [compartilhem um milênio de história](#) e [quase 700 anos de amizade](#), o duopólio governante polonês despreza atualmente a Hungria por sua política pragmática em relação à Rússia.

Seguindo o exemplo de Sikorski, poderiam, portanto, ignorar estes “refugiados” que planejam um ataque deste tipo a partir do seu território e/ou que conspiram para uma [revolução colorida](#) na Hungria antes das próximas eleições parlamentares da primavera. A respeito desse cenário, o homólogo húngaro de Sikorski, Peter Szijjarto, [alertou](#) em meados de agosto que a UE poderia liderar este esforço, um dia depois de o Serviço de Inteligência Estrangeira da Rússia ter [alertado](#) para o papel que os ucranianos poderiam desempenhar na promoção de uma mudança de regime naquele país.

A UE, a Ucrânia e a Polônia querem a saída de Viktor Orbán, objetivo que poderia

ser alcançado através da sabotagem do gasoduto Druzhba na Hungria por “refugiados” (ultranacionalistas e/ou agentes de informações) antes das próximas eleições, com as consequências econômicas desencadeando protestos premeditados em larga escala. É importante salientar que talvez nada disso se concretize, mas o importante é que tal cenário é, ainda assim, plausível pelas razões já explicadas. A contrainteligência húngara faria bem em manter-se em alerta.

Uma maior coordenação entre os serviços de segurança poloneses e húngaros para frustrar estas ameaças de “refugiados” ucranianos é improvável, devido ao ódio compartilhado entre o primeiro-ministro liberal globalista Donald Tusk [e o novo presidente conservador](#) Karol Nawrocki à sua política pragmática em relação à Rússia. Uma reaproximação entre eles através do Grupo de Visegrado é, portanto, irrealista, deixando assim seus países vulneráveis a essas ameaças híbridas e mantendo-os divididos, o que beneficia geopoliticamente a Ucrânia.

---

*\***Andrew Korybko** é analista político americano radicado em Moscou, com doutorado pelo MGIMO, e especialista na transição sistêmica global para a multipolaridade. Ele acompanha de perto a relação entre a grande estratégia dos EUA na Afro-Eurásia, a Iniciativa Cinturão e Rota da China, os atos de equilíbrio geoestratégico complementares da Rússia e da Índia e a Guerra Híbrida. A guerra por procuração da OTAN contra a Rússia via Ucrânia e suas consequências globais têm sido seu foco, mas ele também cobre assuntos africanos e do sul da Ásia. De tempos em tempos, também analisa assuntos internos dos EUA, da Europa e da América Latina.*

---